

À espera da retoma

O Expresso falou com responsáveis do sector para um balanço sobre o ano que termina (1) e as expectativas para 2007 (2). O pessimismo impera no imobiliário

Fernando Santo, bastonário da Ordem dos Engenheiros



1. O ano 2006 foi difícil para o sector da construção. As obras públicas sofreram uma significativa redução do investimento, que originou um menor número de concursos, maior concorrência e diminuição dos preços. No sector imobiliário, continuou a retracção do investimento iniciada em 2002, com menor número de edifi-

cios licenciados e em construção, enquanto que a reabilitação não se mostrou uma alternativa, uma vez que a publicação do Novo Regime do Arrendamento Urbano não produziu o desejado incentivo.

2. Perante a capacidade instalada e a necessidade de controlo da despesa pública, o ano de 2007 não constituirá uma esperança de alteração da conjuntura, pois estamos perante

problemas estruturais. As maiores empresas de construção continuarão a apostar nos mercados externos, apoiadas na capacidade técnica da engenharia portuguesa e na experiência obtida nas últimas décadas. No que diz respeito à regulamentação, espera-se o Código da Contratação Pública e a revisão do Decreto 73/73 e das Instruções para Elaboração de Projectos.

Helena Roseta, bastonária da Ordem dos Arquitectos



1. A arquitectura em Portugal está boa e recomenda-se, mas o território está péssimo. Em 2006, a Ordem apresentou o Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal — que vai ser desenvolvido em 2007 —, constatando-se que são muitos os abusos urbanísticos. No congresso da Ordem deliberámos que teríamos uma intervenção mais activa na defesa do território contra estes abusos e a corrupção associada à transformação do uso do solo. Defendemos que seja definido em lei que as mais-valias urbanísticas devem

reverter para o público e não para o privado, tal como acontece na generalidade dos países ocidentais. Portugal é a única excepção da OCDE. Estes abusos urbanísticos deveriam ser criminalizados, pois geram fortunas fáceis e retribuem com o território. Outro destaque da nossa actividade em 2006 vai para o Inquérito à profissão, que revela a existência de uma classe jovem de arquitectos muito insatisfeita devido às dificuldades em ingressar no mercado de trabalho. Não há oportunidades para os arquitectos. O Plano Tecnológico está virado apenas para a engenharia e a gestão. Queremos uma maior

intervenção do Governo neste campo.

2. Uma das nossas principais expectativas para 2007 tem que ver com a questão do Decreto-lei 73/73, que permite aos não-arquitectos, como os desenhadores civis ou os projectistas, fazerem arquitectura. Tudo se muda neste país, só esta questão parece ter ficado enclivada. Mas temos o compromisso público por parte do ministro do Ambiente de que este assunto ficará finalmente resolvido. Outra das nossas expectativas assenta no novo código de contratação pública. Esperamos que os concursos públicos passem a ser efectivamente abertos e deixem de ser por convite.

Henrique Polignac de Barros, presidente da APPII



1. Para a actividade de promoção imobiliária este foi um ano calmo, nem eufórico nem dramático, em que se foram desenvolvendo projectos um pouco por todo o país. Foi também um ano de reflexão. O cliente está cada vez mais selectivo e os promotores imobiliários têm de se adaptar às necessidades do

mercado — e os que souberem fazer isto, vão conseguir escoar o seu produto. Os portugueses continuam a procurar o imobiliário como investimento seguro, e quanto mais qualidade este tiver, mais seguro se torna.

2. Espero que 2007 seja um ano melhor do que este que agora finda. A crise já dura há muito tempo e não há razão para que Portugal não tenha uma

situação mais risonha. Já há sinais de recuperação da economia e com isso os investimentos fazem-se. Vejo o próximo ano de uma forma positiva. Contudo, é importante que o Estado compreenda que se deve aligeirar a carga burocrática, que é cara e dolorosa. Há que simplificá-la. É também importante que se passe a ideia de que é fácil e vale a pena trabalhar em Portugal.



Sector procura

LUZ

ao fundo do túnel

PÁGINA 5